
A Fotografia Social na Construção do Empoderamento: Uma Análise do Projeto #MinhaHistória¹

Luisa MEDEIROS²

Eloisa KLEIN³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

A pesquisa pretende localizar teoricamente os processos comunicativos desenvolvidos pelo projeto de Jornalismo Colaborativo de estudantes da UFRN, cujas publicações foram feitas na página Mídia Ninja RN, para analisar as formas de enfrentamento à mídia hegemônica. Para chegar a isso, apresentaremos os conceitos de comunicação e extensão, de Paulo Freire, bem como suas concepções de comunicação como condição para a existência humana e prática libertadora. Realizaremos estudos sobre a grande mídia, baseando-se nos conceitos de Erving Goffman, Muniz Sodré e Roger Silverstone. Freire também embasará, juntamente à Manuel Castells, as definições de Identidade e empoderamento. Henry Jenkins e Fred Ritchin auxiliarão, posteriormente, na compreensão do caráter colaborativo da cobertura do Mídia Ninja RN. A metodologia se baseará na análise semiótica das fotografias produzidas para o projeto #MinhaHistória e tomarão como base os estudos de Martine Joly.

Palavras-chave: Fotografia Social; Contra-hegemonia; Mídia Ninja; Empoderamento; Inteligência coletiva

1. INTRODUÇÃO – A COMUNICAÇÃO QUE QUEREMOS

Em 2016, cidades de todo o país foram tomadas por jovens nas ruas, que se rebelavam diante do golpe político/midiático que se instaurava na conjuntura política brasileira. Organizada em manifestações, a população gritava “O povo não é bobó, abaixo a Rede Globo”, numa aversão ao monopólio midiático existente no país e em denúncia ao seu engajamento na perpetuação do golpe.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação do 8º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda da UFRN, e-mail: luamsapiens@gmail.com

³ Professora da Unipampa. Foi professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, e-mail: eloisa.klein@gmail.com

Nesse contexto, o Mídia Ninja RN surge, com sua nomeação inspirada no originário Mídia Ninja (sigla em português para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) criado em 2013 diante dos protestos sobre o aumento do preço do transporte público. Diferentemente do originário, o Mídia Ninja RN surge como alternativa midiática que se propõe a construir uma comunicação voltada para os perfis sociais historicamente invisibilizados pela grande mídia, voltando-se principalmente para o público do Nordeste, bem como uma comunicação de caráter colaborativo, que incluíse o próprio público em sua produção de uma contranarrativa do golpe.

Diante disto, a pesquisa tem como principal objetivo compreender o modo como a mídia hegemônica se estrutura e interfere em nossa compreensão de mundo, localizar teoricamente os processos comunicativos desenvolvidos pelo Mídia Ninja RN em sua tentativa colaborativa de enfrentamento à mídia hegemônica, bem como apresentar semelhanças e distinções entre os processos comunicativos que originam as duas mídias.

Para chegar a isso, desenvolveremos uma investigação baseada em autores da Pedagogia, da Comunicação Social e da Fotografia. O principal alicerce de nossa pesquisa será Paulo Freire, por basear seu conceito de Comunicação enquanto um processo essencial para a existência humana.

Nos estudos sobre Comunicação de Freire, nessa compreensão da mesma enquanto essencial para a existência humana, o mesmo atenta para a necessária existência de um transmissor e um receptor, quando se fala de Comunicação. Não basta apenas a existência de um sujeito pensante, é igualmente necessária a existência de outro sujeito pensante. Diferentemente, num processo dialógico onde a reciprocidade venha a ser interrompida, estaríamos não mais tratando de comunicação, mas de extensão, que seria uma forma de substituir um conhecimento por outro, de modo que sua construção não é coletiva. (FREIRE, 1987).

É nessa compreensão, tanto da necessidade de diferentes sujeitos para a concretização da comunicação, quanto da exigência de coparticipação da compreensão dos significados, que se detecta uma defasagem na mídia brasileira, que não completa o processo comunicacional pela falta de reciprocidade nas práticas desenvolvidas.

Um exemplo desta ausência de reciprocidade é o diagnóstico de que, muitas vezes, a mídia não responde aos interesses das classes mais baixas, mostrando apenas os temas de interesse da classe dominante no país. Um exemplo disso foram as coberturas

das táticas da Polícia Militar, no Rio de Janeiro, ao invadir morros, quando a mídia tomou a perspectiva da corporação policial como guia de suas narrativas⁴. O tom foi seguido na primeira fase da cobertura dos protestos de 2013, quando o eixo narrativo da cobertura privilegiava o ângulo dos proprietários de prédios, dos proprietários de carros e da própria polícia.

Podemos encarar essa transferência de dados ideológicos, de interesse da classe dominante, como alienação. Ou, sob uma outra perspectiva, mas que converge nas mesmas ideias, encaramos a alienação como “a ausência de consciência em relação aos problemas políticos e sociais” (Dicionário Michaelis On-line). A classe dominante se utiliza dessa capacidade de alienar as classes mais baixas detendo o controle da informação, cultura e lazer em suas mãos e contrariando a reciprocidade da comunicação, que não deveria ser rompida.

O primeiro dos chamados meios de comunicação a surgir e a assumir caráter massivo foi a imprensa, que passa a se moldar gradativamente aos princípios liberais e hegemônicos, mas mantendo um discurso que assume ares de neutralidade e imparcialidade. (Mendonça apud Barbosa, p. 22, grifo nosso)

Compreende-se, com isso, que é detido o poder sobre a população, onde Freire (1970) afirma que os invasores atuam e, ao iludir-se que atuam, os invadidos quererão parecer e ser à maneira dos invasores.

Os meios de comunicação, agora posicionados estrategicamente na disputa entre os diferentes projetos de sociedade, passam por uma intensificação em sua concentração, fazendo surgir conglomerados midiáticos que originam o conceito de grande mídia. O fato é que, coletivamente, estamos reconfigurando o mercado, estamos pressionando empresas a mudar seus produtos bem como o modo como se relacionam conosco. O projeto Mídia Ninja RN tem sua importância nesse setor por construir e propagar e um ideal e uma perspectiva jamais mostrada na grande mídia.

2.0 GRANDE MÍDIA BRASILEIRA - A COMUNICAÇÃO QUE TEMOS

A grande mídia tem a peculiaridade de criar costumes estetizantes e vicários, fetichizando a realidade. É importante compreender esses moldes (na maioria das vezes inalcançáveis) como ideológicos. Para isso, nesse capítulo, utilizaremos os estudos

⁴ BARREIRA, Marcos. Para além da ocupação do território: Notas sobre o discurso da “Pacificação” e seus críticos. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/23/para-alem-da-ocupacao-do-territorio-notas-sobre-o-discurso-da-pacificacao-e-seus-criticos/>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

sobre inferência de Erving Goffman, bem como nos basearemos nas obras de Muniz Sodré “*Antropológica do Espelho*” e Roger Silverstone “*Porquê estudar a Mídia?*”.

Para entender a o exercício do controle midiático sobre a circulação de sentidos em processos comunicacionais, é preciso entender a globalização como o processo tendencial de transnacionalização do sistema produtivo e de atualização do velho liberalismo, promovido pela extraordinária aceleração da expansão do capital apoiada e coincidente com a expansão das novas tecnologias (SODRÉ, 2002). As grandes corporações de mídia criam estruturas de poder, que também compreendem um modelo de cultura em detrimento de outros. Deste modo, criam-se novas bases de interpretação do real, baseadas na difusão desta cultura dominante, o que por sua vez trabalha pela manutenção das estruturas ideológicas do “neoliberalismo”.

O “neoliberalismo” pode-se entender como “uma plataforma econômico-político-social-cultural, empenhada em governo mínimo, fundamentalismo de mercado, individualismo econômico, autoritarismo moral e outros” (SODRÉ, p. 14). É desse poder político, econômico, social e cultural atrelado à velocidade com a qual as novas tecnologias de informação têm agido, que se modifica radicalmente a vida do homem contemporâneo, moldando-o ao caráter neoliberal e colaborando para a manutenção das desigualdades sociais, sobre as quais falaremos mais tarde.

É no domínio de determinadas instituições e formas reguladoras de relacionamento, nesse investimento de valores, que começamos a falar da linguagem enquanto produtora de realidade. A mídia, enquanto uma técnica política de linguagem, é estruturadora ou reestruturadora de percepções e cognições, é uma instituição mediadora capaz de formar ou intervir na consciência humana – e o fará, em função da tecnologia e do mercado – requalificando atitudes, crenças e costumes. Ela forma uma espécie de agenda coletiva, ou seja, estabelece uma pauta de assuntos a serem levados em conta, individual ou coletivamente (SODRÉ, 2002). Silverstone (2002) analisa que:

A mídia depende do senso comum. Ela o reproduz, recorre a ele, mas também o explora e distorce. Com efeito, sua falta de singularidade fornece o material para as controvérsias e os assombros diários, quando somos formados - em grande medida pela mídia e, cada vez mais, talvez apenas pela mídia - a ver, a encarar os sentidos comuns e as culturas comuns aos outros (2002, p.21).

Esse trabalho midiático sobre o real é tão abrangente que se torna difícil o trabalho de mostrar a incompatibilidade entre a realidade e o que é mostrado na

televisão, por exemplo. O nosso senso comum, a nossa realidade faz-se entender que coincide com o que é midiaticizado. É neste aspecto que se torna problemático o controle de acesso à voz e presença na mídia, que acontece em relação aos movimentos sociais, populares, sindicais, estudantis, de direitos humanos. Por deixar segmentos sociais sem serem contemplados pela abordagem midiática, a mídia interfere também nas esferas de poder e decisão.

Nossa jornada diária implica movimento pelos diferentes espaços midiáticos e para dentro e fora do espaço da mídia. A mídia nos oferece estruturas para o dia, pontos de referência, pontos de parada, pontos para o olhar de relance e para a contemplação, pontos de engajamento e oportunidades e desengajamento. (...) Nossa entrada no espaço midiático e, ao mesmo tempo, uma transição do cotidiano para o liminar e uma apropriação do liminar pelo cotidiano. A mídia é o cotidiano e ao mesmo tempo uma alternativa a ele (Silverstone, p. 26).

Este cenário é a base para a construção e reforço dos estereótipos, continuada com a tentativa de adaptação a eles, no intuito de fazermos parte do mundo tal qual ele nos é mostrado, mediaticizado.

O esclarecimento do papel da mídia na vida cotidiana é, portanto, possibilitado justamente pela percepção de que o mundo em que vivemos, que em parte construímos e que se baseia na experiência, em nossa compreensão dessa experiência e em nossa tentativa de representá-la (ou distorcê-la), já é - num sentido poderoso, performativo - mediado. (Silverstone, p. 134)

Uma questão colocada aos agentes de mídia em formação é se caberia a nós nos encaixarmos nos padrões impostos nos canais comunicativos ou nos caberia reagir ao seu monopólio e reivindicar uma maior participação na grande mídia (quicá construir uma nova alternativa midiática)?

3.0 REAÇÕES POPULARES - IDENTIDADE E EMPODERAMENTO

No Brasil, tal questão se expressa em lutas de trabalhadores urbanos e rurais pela apropriação das riquezas socialmente produzidas (Barbosa, 2016). Compreendendo a existência dessas reações populares à tal fenômeno, este capítulo visa desmembrar as origens dessa organização popular. Sobre a participação e reação popular nas lutas contra a hegemonia e pela pluralização e diversificação dos canais comunicativos, Barbosa (2016) comenta:

Essas lutas por sociedades mais abertas – com plena liberdade de participação, expressão e associação – criaram ambientes mais propícios ao avanço dos direitos humanos. Cada vez mais as pessoas estão se envolvendo de alguma forma em organizações da sociedade civil, com o intuito de pressionar as autoridades, exigindo mais transparência e responsabilidade do poder público (BARBOSA, 2016, p.61, grifo nosso)

Essa luta pela plena liberdade de participar e expressar-se está em consonância com uma comunicação de via-dupla, uma comunicação onde cada indivíduo possua uma voz igualmente audível e sem manipulações, onde todos possam participar do processo comunicativo. A luta contra a mídia hegemônica, inclusa nesse apontamento, é parte do processo histórico desenvolvido pelos movimentos sociais organizados. Os setores sociais que imergem nesses movimentos são movidos pelas condições de vida semelhantes, porque se identificam uns com os outros (BARBOSA, 2016). Para auxiliar nessa compreensão da identificação e fortalecimento coletivo, utilizaremos os estudos de Manuel Castells e Paulo Freire a respeito dos termos Identidade e Empoderamento.

3.1 Identidade e empoderamento

Para compreender a ideia de identificação mútua, capaz de gerar uma resistência coletiva, precisamos analisar os fatores que reúnem certo grupo de sujeitos, que os fazem identificar-se uns com os outros. Castells (1999, p. 22) descreve a identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.

Parafraseando, a identidade constitui fontes de significado para determinado sujeito. Essas fontes são internalizadas por ele, a partir de onde (internamente) é construído o seu significado. Há de se lembrar, no entanto, que a construção terá as influências ideológicas das instituições com as quais vivemos diariamente.

A construção das identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. (CASTELLS, 1999, p. 23)

Confirmamos, mais uma vez, a inserção das instituições de poder em nossos gostos e comportamentos, dotadas de meios manipuladores e performáticos (como a grande mídia) e que servem de pilares para a sustentação da cultura e poder dominantes. Muitas identidades são adotadas pela simples facilidade de acessá-las via grande mídia.

Numa breve conceituação de Castells, ele compreende que a identidade foi

criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade (1999, p. 24).

A partir disso se origina a resistência coletiva. Com o tempo essas pessoas que se agrupam em organizações, resistentes ao processo de individualização e acabam por desenvolver um sentimento de pertença. Mas esse processo faz necessário que se ocorra um processo de mobilização. Só assim podem revelar-se os interesses em comum e novos significados poderão ser produzidos, fazendo com que a vida seja, de alguma maneira, compartilhada. (CASTELLS, 1999)

Essa revelação de interesses comuns, essa formação de novos significados e compartilhamento de ideias são passos decisivos na tomada de consciência por parte do sujeito. Deixar de ser alguém que sofre as condições sociais impostas e passar a promover transformações sociais a partir de uma conquista interna é o que Paulo Freire chamaria de “empoderamento”, onde suas barreiras derrubar-se-ão por meio da superação do estado de subordinação (dependência econômica, física, etc.) por parte de quem se quer empoderar. Castells e Freire baseiam, então, a linha tênue entre a libertação individual e a capacidade de promover transformações sociais.

O empoderamento virá por meio das massas, por meio do oprimido que, em seu processo de conscientização opta por inserir-se num processo de transformação da realidade. Não é sua liberdade individual, é sua capacidade de libertar quem está ao seu redor, promover transformações sociais (FREIRE, 1987).

É nesse contexto de compreensão do empoderamento, atrelado às problemáticas da grande mídia já citadas, que se situa o trabalho desenvolvido por grupo de estudantes de jornalismo e comunicação social no Rio Grande do Norte, em projeto de mídia colaborativa do qual participam professores e outros atores sociais, visando potencializar a voz e imagem dos perfis sociais excluídos pela mídia hegemônica. Vamos analisar este aspecto de empoderamento comunicacional a partir da análise das ações de comunicação e mídia em função das ocupações de escolas no Rio Grande do Norte.

4. A experiência da Comunicação Alternativa e colaborativa e a associação ao Mídia Ninja RN

Em 2016, cidades de todo o país foram tomadas por jovens nas ruas, que se rebelavam diante do que foi considerado pelos movimentos sociais de esquerda como um golpe político/midiático que se instaurou na conjuntura política brasileira, quando o senado aprovou o início do processo de impeachment da presidenta Dilma. (JINKINGS, DORIA, CLETO, 2016). Nas manifestações, um dos gritos puxados pelos coletivos e grupos sociais: “O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”, numa aversão ao monopólio midiático existente no país e em denúncia ao seu engajamento na perpetuação do golpe.

Nesse contexto, o Mídia Ninja RN surge, com sua nomeação inspirada no originário Mídia Ninja (sigla em português para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), criado em 2013 diante dos protestos sobre o aumento do preço do transporte público. O Mídia Ninja RN surge como alternativa midiática que se propõe a construir uma comunicação voltada para os perfis sociais historicamente invisibilizados pela grande mídia, bem como uma comunicação de caráter colaborativo, que incluíse o próprio público em sua produção de uma contranarrativa do golpe. O projeto desencadeou na criação de uma página no Facebook, que permitiu as publicações de materiais de jornalismo colaborativo produzido por estudantes da UFRN que também fazem parte de movimentos sociais.

4.1 A cobertura colaborativa na construção de uma inteligência coletiva

Inicialmente, o coletivo Mídia Ninja RN se dispusera a fazer coberturas das ações político-culturais que viessem a acontecer pelo estado, construindo uma contranarrativa do jornalismo político brasileiro e atentando para as produções independentes no RN. Mas, o que inicialmente se tratava de uma cobertura à nível estadual, feita pelas poucas pessoas do coletivo, logo se estendeu à uma cobertura regional graças a participação colaborativa dos seguidores da página, que constantemente fornecem materiais de diversas capitais e interior dos estados, horizontalizando a possibilidade de se comunicar e intensificando as vozes que outrora foram abafadas. Jenkins trata da importância de construir mídias agregadoras, ao invés de postar conteúdos espalhados pela rede: “ter um site compartilhado significa que essas produções obtém uma visibilidade muito maior do que teriam se fossem distribuídas por portais separados e isolados” (JENKINS, 2006, p. 348)

Essa infinda aceitação por parte dos seguidores da página bem como sua constante interação com a mesma pode ser explicada pelo que o autor Henry Jenkins chamaria de “inteligência coletiva”, expressão cunhada por Pierre Levy. “Se os novos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos” (JENKINS, 2006, grifo nosso).

Munido de smartphones e uma câmera digital, o Mídia Ninja RN fez coberturas ao vivo das manifestações contra o golpe via Facebook, bem como programações culturais e divulgou produções independentes do estado. Mas, para além de fazer a cobertura por si, o sistema de participação colaborativa com seus seguidores, onde eram enviadas fotografias, vídeos e depoimentos recebidos via Messenger fez o coletivo atingir o alcance de toda a região nordeste. As colaborações e produções próprias, igualmente importantes, eram anexados às postagens diárias da página. A partilha de vozes é uma das características do que Jenkins chama de cultura da convergência:

A atual diversificação dos canais de comunicação é politicamente importante porque expande o conjunto de vozes que podem ser ouvidas: embora algumas vozes tenham mais proeminência que outras, nenhuma voz sozinha fala com autoridade inquestionável. (JENKINS, p. 288)

A lógica da expansão do conjunto de vozes a serem ouvidas é visada como parte de uma comunicação como via-dupla, resgatando a proposta por Paulo Freire. Mas é importante não cair na ilusão, como o próprio Jenkins (2009) afirma, de que grandes transformações sociais serão atingidas como fruto exclusivo da mídia alternativa.

Essa aproximação do discurso político às experiências de vida dos cidadãos é estritamente necessária, uma vez que são face da mesma moeda: a forma como compreendemos o mundo e interagimos com ele, como foi dito no segundo capítulo, é fruto de uma instituição mediadora. E compreender que existem vias para a mudança desses paradigmas é a chave para a construção de uma comunidade ativa, que não mais consome *extensão*, mas faz *comunicação*.

Mais uma vez na busca de fazer *comunicação*, promovendo a identidade e o empoderamento do público, o Mídia Ninja RN desenvolveu um projeto fotográfico onde os perfis sociais marginalizados pela grande mídia são os novos protagonistas, e as narrativas são suas vidas, angústias e superações.

4.2 Metodologia - O projeto #MinhaHistória

Dentre os projetos desenvolvidos pelo Mídia Ninja RN, está o #MinhaHistória, que se trata da divulgação do registro fotográfico acrescido de histórias contadas pela própria população sobre suas vidas, histórias voltadas especificamente para as mulheres, pessoas LGBT e negritude, por compreendê-los enquanto perfis sociais e temáticas historicamente invisibilizados pela grande mídia brasileira.

A metodologia adotada neste trabalho parte da escolha de estudiosos da análise de imagens. Nosso objetivo será mapear as características estéticas e visuais presente nos trabalhos fotográficos realizados pelo Mídia Ninja RN para o projeto #MinhaHistória, além de analisar a efetividade do impacto das imagens diante do seu público. Para obter esses dados, basearemos nosso trabalho na análise semiótica com base na autora Martine Joly (2010), que será feita através dos conceitos de Linguagem fotográfica e se dividirá nos indicadores: 1- Contextualização, 2- Enquadramento, 3- ângulo e escolha das objetivas, 4- iluminação, 5 – Modelo.



Figura 1 #MinhaHistória de LGBTfobia



Figura 2 #MinhaHistória de Machismo



Figura 3 #MinhaHistória de Racismo

4.2.1 Contextualização

Não houve, no contexto de construção de todas as imagens, escolha de local propício para realizá-las. As fotografias foram feitas nos locais onde essas pessoas foram encontradas, com o intuito de retratá-las onde realmente estão em seu dia a dia, seja no ambiente universitário, nas ruas ou em casa. Lhes foi pedida uma história sobre suas vidas, voltada para as temáticas específicas, mas que as mesmas achassem interessante divulgar nas redes sociais, seja uma história com final de superação ou não. Era da escolha dos participantes identificar-se, o que justifica algumas fotografias serem feitas de costas ou cortando parte do rosto dos modelos.

Figura 1: “Eu sou o tipo de pessoa que gosta muito de se enfeitar, gosto de me arrumar... Eu sou um carnaval ambulante! E isso me faz bem.

E, semana passada, fui trabalhar numa festa e tava lá, feliz, com um abacaxi na cabeça e cheio de glitter! Usava uma roupa cheia de miçanga e tava me sentindo a pessoa mais linda do mundo. Quando eu saio de casa, meu pai olha pra mim e diz que queria que um skinhead me pegasse na rua... E aquilo foi uma porrada muito forte, porque você ouvir isso do seu pai, que ele queria que alguém te machucasse, te maltratasse... É algo assim... Que te destrói.

É muito forte quando você escuta isso de uma pessoa que deveria te apoiar, ou que pelo menos que você espera o apoio. Naquele momento, talvez ele nem tenha percebido, mas ele mesmo foi o skinhead que me pegou, que me machucou.

É isso”.

Figura 2: “A história mais recente que eu tenho pra compartilhar é a da minha mãe, que aconteceu há uns dois anos, em 18 de fevereiro de 2014, quando minha mãe foi alvejada com oito tiros.

Nós somos de uma cidade do interior do RN, e assim... A gente vê como o preconceito com a mulher é grande, quando vive uma situação dessas. O crime que houve com minha mãe, aconteceu porque ela é lésbica. Ela é casada com outra mulher e o ex-marido da atual esposa dela não aceitou o fim do relacionamento. Por isso ele atirou, oito vezes, na minha mãe... E hoje em dia ela parece uma buchada. (risos)

Daí vem a questão: O crime não foi simplesmente um ‘crime de amor’, como algumas pessoas intitulam. Foi um crime de gênero, por gênero, porque se ele tivesse perdido a esposa para um homem, talvez assim ele aceitasse. Mas eu lembro como as pessoas da cidade falavam sobre o caso, elas diziam: ‘Ah, mas ele está certo, ele vai perder a mulher pra outra mulher?’. Tá entendendo?

Então o que aconteceu: Ele não aceitava perder a esposa pra outra mulher, então ele planejou um crime que mataria toda a família, a minha mãe, a ex-esposa... Tudo por não aceitar isso. Ele era policial, inclusive o melhor atirador da cidade, e o mais interessante é que ele foi preso depois disso tudo e os próprios policiais facilitaram a fuga dele, por achar que ele estava na razão”.

Figura 3: “Alguns anos atrás eu fazia um curso de enfermagem e tinha aulas de campo que geralmente eram no Juvino Barreto, asilo da cidade.

Certo dia, estava lá fora conversando com alguns amigos na hora de ir embora... Uma menina, de nossa turma, falava com uma amiga sobre não poder dar carona pra ela,

na volta pra casa. A menina, que morava perto de mim e não tinha como ir, disse em voz alta:

– Pessoal, alguém pode me dar uma carona pra casa?

E eu disse: Sim, eu posso!

A amiga que disse não poder dar a carona, questionou: Como assim? Você, dessa cor, tem carro?

E eu respondi: Tenho, mulher. Melhor que o seu.

Virei de costas e fui embora, dando carona para a outra menina que ria da minha reação, mas voltei para casa me questionando os motivos que levaram a moça a me tratar daquela maneira. De pele branca, mas cabelos alisados, filha de mulher negra, talvez a menina nunca se dê conta de que todos nós somos vítimas desse sistema racista”.

4.2.3. Enquadramento

Em se falando da **Figura 3**, encontramos a modelo com certo distanciamento da objetiva, propondo um plano geral que permite não apenas que seu corpo inteiro permaneça enquadrado na fotografia, mas que transpareça o detalhe de carros ao lado da modelo, detalhe que pode ter sua importância compreendida ao analisarmos a história da modelo, no item de contextualização. Além disso, a fotografia está disposta na vertical e centralizada, estando estas duas características refletidas nas demais figuras. É importante frisar que o que analisamos como enquadramento “corresponde ao tamanho da imagem, suposto resultado da distância entre o objeto fotografado e a objetiva” (JOLY, 2010, p. 94). A **Figura 1**, representada no plano americano, possui cortes em partes de seu corpo, para evitar ser mostrado por inteiro. A **Figura 2** segue a lógica de enquadramento da **Figura 3**, mas evitando mostrar seu rosto.

4.2.4. Ângulo e escolha das objetivas

Compreendendo o ângulo como um determinante que reforça ou condiz uma impressão de realidade (JOLY, 2010, p. 95), temos na **Figura 1** um ângulo à altura da modelo, cuja intencionalidade pode ser percebida como uma tentativa de naturalizar a cena e a personagem, “pois imita a visão natural” (JOLY, 2010, p. 95), não apenas pela escolha do ângulo, mas pela escolha da objetiva de 50 mm, que proporciona uma profundidade de campo similar à nossa visão. A mesma configuração se repete na **Figura 3** e **Figura 2**, esta última, se bem observada, é produzida num leve *plongée*.

4.2.5. Composição

Em termos de composição, compreendendo a mesma como detentora de um “papel essencial na hierarquização da visão e, portanto, na orientação da leitura da imagem” (JOLY, 2010, p. 97), temos a construção de todas as figuras de forma axial, deixando as (os) modelos exatamente no eixo do olhar, no centro preciso da imagem. Essas características são citadas por Joly (2010) como “configurações privilegiadas” (JOLY, 2010, p. 98). Em decorrência dessas observações, compreendemos que as fotografias pretendiam explicitar seus pontos de atenção, propondo uma hierarquização da visão que tomasse o modelo como personagem principal da imagem, como foco.

4.2.6 Iluminação

As fotografias representadas nas **Figuras 1** e **3** foram feitas à noite, estando os (as) modelos iluminados artificialmente por postes de luz presentes nos locais onde as fotografias foram tomadas. Percebemos, através do jogo de sombras (vale apontar que são sombras contrastadas), que a fonte de luz está numa extremidade superior à direita das imagens. Vale apontar, no caso da **Figura 3**, que a fonte de luz parece estar mais distante que nas demais fotografias, visto que a qualidade da imagem segue inferior às outras, onde seus ruídos apontam para utilização de um ISO maior. No caso da **Figura 2**, as fotografias foram feitas durante o dia, deixando sombras mais difusas nas modelos.

4.2.7. Pose da (do) modelo

As poses dos (das) modelos vão bem de acordo com suas histórias, que influenciavam na forma como os mesmos queriam (ou não) serem vistos. Alguns personagens temeram o reconhecimento por parte da família ou de amigos, outros apenas preferiram preservar suas imagens diante de uma exposição on-line tão ampla. Como podemos perceber na **Figura 3**, a modelo foge ao esquema “olho no olho”, desviando o olhar e tirando de si e chamando a atenção para um terceiro ponto. O que Joly (2010) acredita que dá “a impressão de assistir a um espetáculo dado por um “ele”, uma terceira pessoa” (JOLY, 2010, p. 106). Na **Figura 2**, a modelo opta por não mostrar nada de seu rosto. A **Figura 1**, no entanto, vemos o modelo utilizando-se de um corte em parte de seu rosto, visando, possivelmente, suavizar o número de pessoas que o reconhecerá.

5. Considerações finais

O projeto #MinhaHistória objetiva ampliar a voz às pessoas, proporcionando a confecção de imagens baseadas no que as pessoas consideram que são e reproduzindo as histórias que as mesmas contaram. Percebemos com a análise, que essa proposta do Mídia Ninja RN está de acordo com a intencionalidade expressa nas fotografias.

Fred Ritchin (2009), em seus estudos, fala da negligência por parte do fotógrafo em desconhecer seus sujeitos e fotografá-los externo às suas histórias, o que acaba contribuindo com a larga porcentagem de simulações, registros que não condizem fielmente com a realidade do sujeito. Como resultado, temos fotografias que mostram algo teoricamente significante, mas se tratam de simulações criadas pelos próprios fotógrafos.

Num exemplo da negligência citada anteriormente, Ritchin (2009) conta em seu livro *After Photography* o dia em que, logo após começar a trabalhar na *New York Times Magazine* em 1978, um homem acordara certa manhã de domingo encontrando, a si próprio, na capa da revista. Fora fotografado na rua, sem ser contatado, e agora estava estampado em um artigo sobre a classe média negra, que trazia inúmeros pontos sobre a negligência dos irmãos mais abastados para com a subclasse.

Em contraponto aos exemplos criticados por Ritchin (2009), a fotografia construída no projeto #MinhaHistória visa compreender a individualidade de cada pessoa retratada. O projeto visa utilizar a própria participação do indivíduo, o qual compartilha sua história deixando uma narrativa guiada por si mesmo, sem simulações.

Ao pedir aprovação quanto ao material fotográfico produzido, muda-se os jogos de poder. Diante de um público ao qual se quer *empoderar*, a aprovação e participação do mesmo é essencial para estar de acordo com o termo criado por Paulo Freire, para tratar-se de uma comunicação libertadora. Barbosa (2016), parafraseando Freire, afirma:

Uma comunicação libertadora não se estabelece no ‘falar ao povo sobre nossa visão de mundo’, mas a partir do diálogo com o povo sobre as diferentes ideias que estão sendo postas na relação interpessoal que se pretende estabelecer (BARBOSA, 2016, p. 22, grifo nosso).

Com a facilitação de acesso às tecnologias digitais e a expansão de movimentos de comunicação, Ritchin (2009) analisa que não se trata mais de pessoas externas à um ambiente fotografando pessoas internas a ele, mas pessoas internas ao ambiente respondendo com seu próprio ponto de vista diante das fotografias vindas de fora. Isso contesta (ou potencializa) imagens que anteriormente eram consideradas imunes a críticas.

O projeto #MinhaHistória retrata perfis historicamente marginalizados na sociedade brasileira, tanto socialmente quanto na mídia. E fotografá-los ou retratá-los como pessoas exoticamente diferentes, sem ouvir o que os mesmos tem a dizer, é desumano e não se define como comunicação, mas como uma simples extensão (FREIRE, 1987).

A possibilidade de colaboração de atores sociais reais permite ao fotógrafo entender e até mesmo corrigir seus estereótipos culturais (Ritchin, 2009). Envolver-se com as pessoas retratadas e impulsionar sua participação na construção do conteúdo midiático é uma questão de empoderamento (pois contempla o relato de indivíduos sobre si mesmos) e de inteligência coletiva (posto que a colaboração envolve várias pessoas em seus contextos e formas de produzir conhecimento sobre o mundo).

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marcos Paulo Gomes. Comunicação, mídia e direitos humanos: A manifestação de rua como exercício da Liberdade de Expressão e luta pelo Direito Humano à Comunicação. 2016. 134 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

CASTELLS, Manuel. O poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Tradução de: Klaus Brandini Gerhardt.

FREIRE, Paulo. Comunicação ou Extensão? 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. Tradução de Maria Célia.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2006. Tradução de: Susana Alexandria.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Org.). *Por que gritamos golpe?: Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MICHAELIS. Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=comunicação>>. Acesso em: 09 out. 2016.

MICHAELIS. Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=aliena%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 12 out. 2016.

VALOURA, Leila. Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador. 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/303912423_Paulo_Freire_o_educador_brasileiro_autor_do_termo_Empoderamento_em_seu_sentido_transformador>. Acesso em: 30 out. 2016.

PSC, Redação. *As causas sociais e sua inserção na Publicidade*. 2015. Disponível em: <<http://www.publicitariossc.com/as-causas-sociais-e-sua-insercao-na-publicidade/>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

RITCHIN; Fred. *After Photography*. New York: W.w. Norton & Company, 2009. Disponível em: <http://sites.uci.edu/01807w14/files/2014/02/RitchinFred_TowardAHyperphotography.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. Tradução de: Milton Camargo Mota. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1524858/mod_resource/content/1/SILVERSTONE,Roger.Por_que_estudar_a_midia?.pdf>. Acesso em: 28 out. 2016.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.